

Aluno(a):

Terceirão

Turma:

Turno: Matutino

Questão 01)

Leia o poema de Haroldo de Campos.

*poesia em tempo de fome
fome em tempo de poesia*

*poesia em lugar do homem
pronomes em lugar do nome*

*homem em lugar de poesia
nome em lugar de pronomes
poesia de dar o nome*

nomear é dar o nome

*nomeio o nome
nomeio o homem
no meio a fome*

nomeio a fome

Do ponto de vista do conteúdo, o poema, ao tratar de questões como _____, reveste-se de um viés _____. Do ponto de vista da forma, está presente a _____, o que se pode comprovar com as formas *nomeio / nome / no meio*.

Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

- A) a poesia ... literário ... hipérbole
- B) o homem ... social ... sinestesia
- C) a gramática ... linguístico ... antítese
- D) a poesia ... histórico ... metonímia
- E) a fome ... social ... paronomásia

Questão 02)

Nessa propaganda, há uma interessante articulação entre palavras e imagens.



Retirada de www.diariodapropaganda.blogspot.com

- A) Explique como as imagens ajudam a estabelecer as relações metafóricas no enunciado "Mesmo que o globo fosse quadrado, O GLOBO seria avançado".
- B) Indique uma característica atribuída pela propaganda ao produto anunciado. Justifique.

Questão 03)

Nessa tirinha da famosa *Mafalda* do argentino Quino, o humor é construído fundamentalmente por um produtivo jogo de referência.

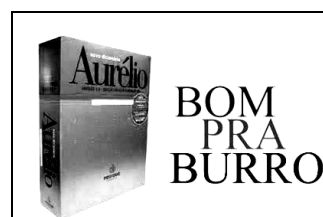


Quino, *Toda Mafalda*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 6ª. Edição, 2003.

- A) Explícite como o termo 'estrangeiro' é entendido pela personagem Mafalda e pelo personagem Manolito.
- B) Identifique duas palavras que, nessa tirinha, contribuem para a construção desse jogo de referência, explicando o papel delas.

Questão 04)

Nessa propaganda do dicionário Aurélio, a expressão "bom pra burro" é polissêmica, e remete a uma representação de dicionário.



Retirada de www.eitapiula.net/2009/09/aurelio.jpg

- A) Qual é essa representação? Ela é adequada ou inadequada? Justifique.
- B) Explique como o uso da expressão "bom pra burro" produz humor nessa propaganda.

Questão 05)

*Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?*

(João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*)

Neste contexto, o verso “defuntos encomendar” significa:

- A) ordenar a morte de alguém.
- B) lavar e vestir o defunto.
- C) matar alguém.
- D) preparar a urna funerária.
- E) orar pelo defunto.

Questão 06)

Óbito do autor

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.



(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Capítulo primeiro)

Considerando-se este fragmento no contexto da obra a que pertence, é correto afirmar que, nele,

- A) o discurso argumentativo, de tipo racional e lógico, apresenta afirmações que ultrapassam a razão e o senso comum.
- B) a combinação de hesitações e autocritica já caracteriza o tom de arrependimento com que o defunto autor relatará sua vida improdutiva.
- C) as hesitações e dúvidas revelam a presença de um narrador inseguro, que teme assumir a condução da narrativa e a autoridade sobre os fatos narrados.
- D) as preocupações com questões de método e as reflexões de ordem moral mostram um narrador alheio às meras questões literárias, tais como estilo e originalidade.
- E) as considerações sobre o método e sobre a lógica da narração configuram o modo característico de se iniciar o romance no Realismo.

Questão 07)

O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

(Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Tendo em vista o contexto das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é correto afirmar que, nesse excerto,

- A) as imagens que se referem ao próprio livro, mesmo exageradas, apontam para características que esse romance de fato apresenta.
- B) ao ponderar a opinião do leitor, o narrador novamente evidencia o respeito e a consideração que tem por ele.
- C) o movimento autocrítico põe em relevo, principalmente, a modéstia e a contenção características do narrador.
- D) o fato de o narrador dirigir-se diretamente ao leitor configura um momento de exceção no livro.
- E) a atitude do narrador contradiz a constância e a persistência com que habitualmente executa seus projetos.

TEXTO: 1 - Comum à questão: 8

[...]

Em diversos países, sair de casa jovem é um rito de passagem natural para a vida adulta. Uma espécie de serviço militar obrigatório para deixar de lado a dependência doméstica e provar que é possível se virar sozinho. Nos Estados Unidos, alguns estudantes preferem morar em alojamentos universitários mesmo quando a casa dos pais está localizada na mesma cidade. Além de [isto] ser encarado como uma forma de aproveitar ainda mais os anos de universidade, há uma certa pressão familiar para que os filhos cortem logo o cordão umbilical com os pais.

Nos países de cultura latina, a situação é outra. Uma pesquisa publicada em 1996 na Espanha revelou que, apesar da taxa de desemprego ser o dobro da taxa alemã, boa parte dos jovens desempregados espanhóis viviam melhor do que os sem trabalho da Alemanha porque viviam com os pais.

No Brasil, as condições econômicas tornam o ato de sair de casa um privilégio. Mas é claro que essa não é a única razão para ver tantos jovens de classe média – muitos deles com mais de 30 anos – protegidos no ninho dos pais. Além das diferenças culturais, há uma certa mentalidade que não estimula a autonomia dos jovens no país. Talvez o traço mais visível dessa mentalidade seja a resistência que os jovens brasileiros têm para aceitar trabalhos considerados “menos nobres”. É incrível como, por aqui, tarefas como trabalhar em fast-foods, servir mesas em restaurantes e carregar malas em hotéis são vistas com menosprezo. Os pais também são culpados disso. Preferem ver os filhos fazendo nada sob suas asas a tê-los exercendo uma atividade “não tão nobre” como primeiro emprego. Em vez de se orgulharem de vê-los batalhando seu espaço no mercado de trabalho, ficam preocupados com o que as outras famílias vão pensar – como se eles não fossem capazes de sustentar sua prole.

É bem provável que esse comportamento típico da classe média brasileira seja uma herança da velha mentalidade da casa grande nas antigas fazendas, quando as famílias abastadas preparavam os seus filhos para se tornarem bacharéis e deixavam para os escravos todas as outras tarefas.

Sem a disposição para ganhar dinheiro antes de receber um diploma, perde-se a oportunidade de desenvolver o espírito empreendedor e de ganhar auto-suficiência para realizar tarefas domésticas. Ironicamente, boa parte dos jovens brasileiros somente ganham essa autonomia quando podem estudar em outro país. Lá fora, trabalhar como baby-sitter e regar plantas para complementar a renda é algo absolutamente normal.

É normal no Brasil ver jovens entediados clamando por autonomia sentados no sofá em frente à televisão. Mas como alguém pode ser independente sem ralar um pouco pela própria grana e pelo próprio futuro?



(Fernanda C. Massaroto. Revista *Superinteressante*, agosto de 2001, p.106.)

Questão 08)

O texto nos revela que:

- A) são diversas as razões e conseqüências pelas quais muitos jovens brasileiros não conquistam cedo a autonomia.
- B) os pais são os verdadeiros responsáveis pela não-emancipação dos jovens brasileiros.
- C) os jovens brasileiros vivem entediados por falta de oportunidade de realização pessoal.
- D) a classe média no Brasil é preconceituosa, por isso seus filhos trabalham no exterior.
- E) nos EUA, jovens estudantes deixam mais cedo o lar quando os pais moram perto da universidade.

TEXTO: 2 - Comum à questão: 9

A explosão dos computadores pessoais, as “infovias”, as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.



(Jornal do Brasil, 13/02/96)

Questão 09)

No texto, a expressão que sintetiza os efeitos da revolução operada pela informática é:

- A) “atropelaram o mundo”.
- B) “tornaram as leis antiquadas”.
- C) “reformularam a economia”.
- D) “redefiniram os locais de trabalho”.
- E) “desafiaram constituições”.

TEXTO: 3 - Comum à questão: 10

Em volta da moça

Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em S. Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para ⁵defender o direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. Todos os contrastes estão no homem.

Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer ¹⁰a política. Também não eram tais as duas que prejudicassem estudos e recreios. Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa. Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia ¹⁵admitir desde já, sem ser preciso que ela os atraísse de vontade. Ao contrário, Flora ria com ambos, sem rejeitar nem aceitar especialmente nenhum; pode ser até que nem percebesse nada. Paulo vivia mais tempo ausente. Quando ²⁰tornava pelas férias, como que a achava mais cheia de graça. Era então que Pedro multiplicava as suas finezas para se não deixar vencer do irmão, que vinha pródigo delas. E Flora recebia-as todas com o mesmo rosto amigo.

²⁵Note-se – e este ponto deve ser tirado à luz, – note-se que os dois gêmeos continuavam a ser parecidos e eram cada vez mais esbeltos. Talvez perdessem estando juntos, porque a semelhança diminuía em cada um deles a feição pessoal. ³⁰Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos. E dizia a Pedro:

– Dr. Paulo!

E dizia a Paulo:

– Dr. Pedro!

³⁵Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Flora mudava os nomes também, e os três acabavam rindo. A familiaridade desculpava a ação e crescia com ela. Paulo gostava mais de conversa ⁴⁰que de piano; Flora conversava. Pedro ia mais com o piano que com a conversa; Flora tocava. Ou então fazia ambas as coisas, e tocava falando, soltava a rédea aos dedos e à língua.

Tais artes, postas ao serviço de tais graças, eram ⁴⁵realmente de acender os gêmeos, e foi o que sucedeu pouco a pouco.

(ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.)

Questão 10)

Em algumas passagens, o texto de Machado de Assis apresenta teses às quais se juntam oposições – antíteses. Essa fusão, por sua vez, transforma-se em síntese.

Um exemplo de síntese está presente no seguinte fragmento:

- A) “Estavam na idade em que tudo se combina sem quebra de essência de cada coisa.” (l. 11 - 13)
- B) “Lá que viessem a amar a pequena com igual força é o que se podia admitir desde já.” (l. 13 - 15)
- C) “Demais, Flora simulava às vezes confundi-los, para rir com ambos.” (l. 30 - 31)
- D) “Em vão eles mudavam da esquerda para a direita e da direita para a esquerda.” (l. 35 - 36)

TEXTO: 4 - Comum à questão: 11

Do amor à pátria

São doces os caminhos que levam de volta à pátria. Não à pátria amada de verdes mares bravios, a mirar em berço esplêndido o esplendor do Cruzeiro do Sul; mas a uma outra mais íntima, pacífica e habitual - uma cuja terra se comeu em criança, uma onde se foi menino ansioso por crescer, uma onde se cresceu em sofrimentos e esperanças plantando canções, amores e filhos ao sabor das estações.

Sim, são doces as rotas que reconduzem um homem à sua pátria e tão mais doces quanto mais ele teve, viu e conheceu outras pátrias de outros homens. Assim eu, ausente pela segunda vez de uma ausência de muitos anos quando, dentro da noite a bordo, os dedos a revirar o dial do ondas-curtas, aguardava o primeiro balbucio de minha pátria como um pai à espera da primeira palavra do seu filho. O coração batia-me como batera um dia, à poesia sonhada, ou como uma outra vez, diante de uns olhos de mulher.

– O senhor tem certeza de que isso é mesmo um ondascurtas?

O camareiro norueguês, grande e tranqüilo, limitou-se a sorrir misteriosamente. Depois, humano, inclinou-se sobre o aparelho, o ouvido atento, e pôs-se a tentar por sua vez. As ondas sonoras iam e vinham verrumando minha angústia.

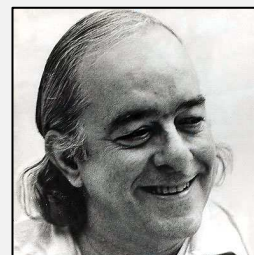
Onde estava ela, a minha pátria que não vinha falar comigo ali dentro do mar escuro?

E de repente foi uma voz que mal se distinguia, balbuciando bolhas de éter, mas pensei no meio delas distinguir um nome: o nome de Iracema. Não tinha certeza, mas pareceu-me ouvir o nome de Iracema entre os estertores espásmicos do aparelho receptor.

Deus do céu! Seria mesmo o nome de Iracema?

Era sim, porque logo depois chegou a afirmar-se, mas quase imperceptível, como se pronunciado por um gnomo montado em minha orelha. Era o nome de Iracema, da Rádio Iracema, de Fortaleza, a emissora dos lábios de mel, que sai mar a fora, enfrentando os espaços oceânicos varridos de vento para trazer a um homem saudoso o primeiro gosto de sua pátria.

Adorável prefixo noturno, nunca te esquecerei! Foste mais uma vez essa coisa primeira tão única como o primeiro amigo, a primeira namorada, o primeiro poema. E a ti eu direi: é possível que o Padre Vieira esteja certo ao dizer que a ausência é, depois da morte, a maior causa da morte do amor. Mas não do amor à terra onde se cresceu e se plantou raízes, à terra a cuja imagem e semelhança se foi feito e onde um dia, num pequeno lote, se espera poder nunca mais esperar.



Agosto de 1953 (Vinicius de Moraes. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1974, p. 597-598)

Questão 11)

... e onde um dia, num pequeno lote, se espera poder nunca mais esperar.

A última frase do texto é exemplo de:

- a) ironia, a partir da referência de que é possível que o Padre Vieira esteja certo.
- b) eufemismo, em que o segmento se espera poder nunca mais esperar substitui o verbo **morrer**.
- c) antítese, com a oposição existente entre *pequeno lote* e o *berço esplêndido* da pátria.
- d) personificação, pela aproximação dos sentimentos de um viajante à noção de pátria *a cuja imagem e semelhança se foi feito*.
- e) pleonasma, pois o cronista se repete intencionalmente, como reforço ao seu amor à *terra onde se cresceu*.

TEXTO: 5 - Comum à questão: 12

Carta sobre a felicidade (a Meneceu) Epicuro

[...] Consideremos que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir.

[...]

Embora o prazer seja nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas.

[...]

Consideremos ainda a auto-suficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutem melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.

Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita.

Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para a saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. [...] a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é

mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas. [...]

(Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Ed. Unesp, 2002)

Questão 12)

O exemplo do “pão e água” no 5º parágrafo deve ser interpretado como:

- A) A “auto-suficiência” não consiste na satisfação com o pouco, mas na percepção de que o pouco pode ser muito.
- B) A felicidade consiste na consciência de que é necessário “habituar-se às coisas simples”.
- C) A percepção do prazer advém de “sofrimentos físicos e perturbações da alma”.
- D) O “conhecimento seguro dos desejos” é condição para saber escolher e recusar.
- E) “Os prazeres dos intemperantes” são alcançados após o “fim último de outros prazeres.”

TEXTO: 6 - Comum à questão: 13

Apólogo brasileiro sem véu de alegoria

¹O trenzinho recebeu em Magoari o ²peçoal do matadouro e tocou para Belém. ³Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do ⁴sangue. As manchas na roupa dos ⁵passageiros ninguém via porque não havia ⁶luz. De vez em quando passava uma fagulha ⁷que a chaminé da locomotiva botava.

⁸Trem misterioso. Noite fora noite ⁹dentro. O chefe vinha recolher os bilhetes de ¹⁰cigarro na boca. Chegava a passagem bem ¹¹perto da ponta acesa e dava uma chupada ¹²para fazer mais luz.

¹³Noite sem lua nem nada. Os fósforos é ¹⁴que alumiam um instante as caras ¹⁵cansadas e a pretidão feia caía de novo. ¹⁶Ninguém estranhava. Era assim mesmo ¹⁷todos os dias. O peçoal do matadouro já ¹⁸estava acostumado. Parecia trem de carga o ¹⁹trem de Magoari.

²⁰Porém aconteceu que no dia 6 de maio ²¹viajava no penúltimo banco do lado direito ²²do segundo vagão um cego de óculos azuis. ²³Cego baiano das margens do Verde de ²⁴Baixo. Flautista de profissão dera um ²⁵concerto em Bragança. O taioca guia dele só ²⁶dava uma folga no bocejo para cuspir.

²⁷Baiano velho estava contente. Primeiro ²⁸deu uma cotovelada no secretário e puxou ²⁹conversa. Puxou à toa porque não veio ³⁰nada. Então principiou a assobiar. Assobiou ³¹uma valsa (dessa que vão subindo, vão ³²subindo e depois descendo, vêm descendo). ³³De repente deu uma cousa nele. Perguntou ³⁴para o rapaz:

³⁵- O jornal não dá nada sobre a ³⁶sucessão presidencial?

³⁷O rapaz respondeu:

³⁸- Não sei: nós estamos no escuro.

³⁹- No escuro?

⁴⁰- É.

⁴¹Ficou matutando calado. Claríssimo que ⁴²não compreendia bem. Perguntou de novo:

⁴³- Não tem luz?

⁴⁴Bocejo.

⁴⁵- Não tem.

⁴⁶Cuspada.

⁴⁷Matutou mais um pouco. Perguntou de ⁴⁸novo:

⁴⁹- O vagão está no escuro?

⁵⁰- Está.

⁵¹De tanta indignação bateu com o ⁵²porrete no soalho. E principiou a grita dele ⁵³assim:

⁵⁴- Não pode ser! Estrada relaxada! Que ⁵⁵é que faz

que não acende? Não se pode ⁵⁶viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o ⁵⁷maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

⁵⁸E a luz não foi feita. Continuou ⁵⁹berrando:

⁶⁰- Luz! Luz! Luz!

⁶¹Só a escuridão respondia.

⁶²Baiano velho estava furo. Urrava. Vozes ⁶³perguntaram dentro da noite.

⁶⁴- Que é que há?

⁶⁵Baiano velho tropejou:

⁶⁶- Não tem luz!

⁶⁷Vozes concordaram:

⁶⁸- Pois não tem mesmo.

⁶⁹Foi preciso explicar que era um ⁷⁰desaforo. Homem não é bicho. Viver nas ⁷¹trevas é cuspir no progresso da ⁷²humanidade. Depois a gente tem a ⁷³obrigação de reagir contra os exploradores ⁷⁴do povo. No preço da passagem está ⁷⁵incluída a luz. O governo não toma ⁷⁶providências? Não toma? A turba ignara fará ⁷⁷valer seus direitos sem ele.

⁷⁸- Que é que se vai fazer então? ⁷⁹Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. ⁸⁰Magarefe chefe do matadouro de Magoari, ⁸¹tirou a faca da cinta e começou a ⁸²esquartejar o banco de palhinha.

⁸³Todos os passageiros magarefes e ⁸⁴auxiliares imitaram o chefe. Os instintos ⁸⁵carneiros se satisfizeram plenamente. A ⁸⁶indignação virou alegria. Era cortar e jogar ⁸⁷pelas janelas.

⁸⁸O chefe do trem foi para o cubículo ⁸⁹dele e se fechou por dentro rezando. Belém ⁹⁰já estava perto. Dos bancos só restava a ⁹¹armação de ferro. Os passageiros de pé ⁹²contavam façanhas. Baiano velho tocava a ⁹³marcha de sua lavra. Às armas cidadãos! O ⁹⁴taioquinha embrulhava no jornal a faca ⁹⁵surrupada na confusão.

⁹⁶Belém vibrou com a história. Os jornais ⁹⁷afixaram cartazes. Era assim o título de um: ⁹⁸Os passageiros no trem de Magoari ⁹⁹amotinaram-se jogando os assentos ao leito ¹⁰⁰da estrada. Mas foi substituído porque se ¹⁰¹prestava a interpretações que feriam de ¹⁰²frente o decoro das famílias. Diante do ¹⁰³Teatro da Paz houve um conflito sangrento ¹⁰⁴entre populares.

¹⁰⁵Dada a queixa à polícia foi iniciado o ¹⁰⁶inquérito para apurar as responsabilidades. ¹⁰⁷O delegado perguntou a um passageiro que ¹⁰⁸se declarou protestante e trazia um ¹⁰⁹exemplar da Bíblia no bolso:

¹¹⁰- Qual a causa verdadeira do motim?

¹¹¹O homem respondeu:

¹¹²- A causa verdadeira do motim foi a ¹¹³falta de luz nos vagões.

¹¹⁴O delegado olhou firme nos olhos do ¹¹⁵passageiro e continuou:

¹¹⁶- Quem encabeçou o movimento?

¹¹⁷Em meio da ansiosa expectativa dos ¹¹⁸presentes o homem revelou:

¹¹⁹- Quem encabeçou o movimento foi um ¹²⁰cego!

¹²¹Quis jurar sobre a Bíblia mas foi ¹²²imediatamente recolhido ao xadrez porque ¹²³com a autoridade não se brinca.

(Antônio de Alcântara Machado. Coleção Nossos Clássicos. v. 57. p. 38-43. Adaptação.)

Questão 13)

No trecho que vai da ref. 62 à 68, o narrador emprega o vocábulo vozes duas vezes. Sobre o emprego desta palavra no texto, assinale a única afirmação INCORRETA.

- A) Ao usar o termo vozes, o narrador lança mão do recurso estilístico chamado metonímia.
- B) O termo vozes (refs. 62 e 67) tem relação com o pessoal do matadouro (refs. 1-2), de que enfatiza um aspecto.
- C) Ao evidenciar a voz dos passageiros do trem, o narrador destaca o único elemento perceptível naquela escuridão, o que, de certa forma, deixa mais denso o cenário de trevas.
- D) A repetição de vozes evidencia que, naquele momento, todos os passageiros do trem, por um motivo ou por outro, pactuavam com a revolta do Cego.

TEXTO: 7 - Comum à questão: 14

Leia esta crônica, escrita dois dias depois de o Brasil perder, em casa, a final da Copa do Mundo de 1950.

A derrota

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de fogo apagado. E, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou na minha cabeça, a ideia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações.

Não dormi, senti-me, alta noite, como que mergulhado num pesadelo. E não era pesadelo, era a terrível realidade da derrota.

REGO, José Lins do. *Flamengo é puro amor*. 111 crônicas escolhidas. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Questão 14)

Para traduzir o sentimento de frustração dos torcedores, o cronista se vale de uma comparação em "como se voltasse do enterro de um pai muito amado" e de uma metáfora em:

- A) "povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos".
- B) "pobre cinza de fogo apagado".
- C) "um povo sem sorte".
- D) "um povo sem as grandes alegrias das vitórias".
- E) "a vil tristeza de Camões".

TEXTO: 8 - Comum à questão: 15



(Quino, Toda Mafalda)

Questão 15)

Da leitura da tira, pode-se depreender que

- A) Na opinião das duas meninas, a felicidade futura independe de fatores financeiros.
- B) O comportamento da personagem Mafalda, nos quadrinhos, sugere que ela defende ideias anarquistas.
- C) No último quadrinho, a fala de Mafalda indica que ela realmente se arrependeu de ter agredido a amiga.
- D) A pergunta da amiga, presente no segundo quadrinho, contesta uma visão comercial sobre projetos de vida.
- E) O humor da tira decorre da discordância das garotas sobre valores humanos e bens de consumo.

O maiúsculo e o minúsculo

(1) *É lastimável quando alguém simplifica em demasia as realidades complexas: perde a proporção dos fatos e se põe a fazer afirmações desprovidas de qualquer fundamento. Enquanto essas simplificações permanecem nos limites estritos do idiossincrático, parece não haver maiores problemas, afinal cada um acredita naquilo que bem lhe apraz. Contudo, quando essas simplificações ultrapassam tais limites e começam a sustentar ações com repercussão para além do idiossincrático, a situação se torna, no mínimo, preocupante.*

(2) *É o que tem ocorrido ultimamente com certa discussão em torno da língua. Nessa área, há, sem dúvida, questões maiúsculas a serem enfrentadas. O Brasil precisa desencadear um amplo debate com vista à elaboração de uma nova política linguística para si, superando os efeitos deletérios de uma situação ainda muito mal resolvida entre nós.*

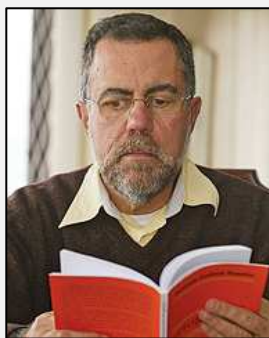
(3) *Essa nova política deverá, entre outros aspectos, reconhecer o caráter multilíngue do país (o fato de o português ser hegemônico não deve nos cegar para as muitas línguas indígenas, europeias e asiáticas que aqui se falam, multiplicidade que constitui parte significativa do patrimônio cultural brasileiro). Ao mesmo tempo, deverá reconhecer a grande e rica diversidade do português falado aqui, vencendo de vez o mito da língua única e homogênea.*

(4) *Será preciso incluir, nessa nova política, um combate sistemático a todos os preconceitos linguísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social. E incluir, ainda, um incentivo permanente à pesquisa científica da complexa realidade linguística nacional e à ampla divulgação de seus resultados, estimulando com isso, por exemplo, um registro mais adequado, em gramáticas e dicionários, da norma-padrão real, bem como das demais variedades do português, viabilizando uma comparação sistemática de todas elas, como forma de subsidiar o acesso escolar (hoje tão precarizado) ao padrão oral e escrito.*

(5) *Apesar de termos essas tarefas maiúsculas à frente, foi uma questão minúscula que, a partir de uma grosseira simplificação dos fatos, acabou por tomar corpo em prejuízo de todo o resto: a presença de palavras da língua inglesa em nosso cotidiano.*

(6) *Uma observação cuidadosa e honesta dos fatos nos mostra que, proporcionalmente ao tamanho do nosso léxico (composto por cerca de 500 mil palavras), esses estrangeirismos não passam de uma insignificante gota d'água (algumas poucas dezenas) num imenso oceano.*

(7) *Mostra-nos ainda mais (e aqui um dado fundamental): muitos deles, pelas próprias ações dos falantes, estão já em pleno refluxo (a maioria terá, como em qualquer outra época da história da língua, vida efêmera).*



(Carlos Alberto Faraco. Folha de S. Paulo. 13/05/2001).

Questão 16)

Considerando sua ideia central, o texto tenta atenuar as repercussões:

- A) dos diferentes mitos que subsistem à história do português.
- B) linguísticas e sociais, da eventual importação de novos vocábulos.
- C) das pesquisas científicas sobre a realidade linguística nacional.
- D) da hegemonia do português em relação às muitas línguas indígenas.
- E) de uma política linguística que explore as variedades do português brasileiro.

Questão 17)

Como proposta geral do texto, podemos destacar a posição do autor em relação:

- A) à elaboração, no Brasil, de uma nova política linguística.
- B) às muitas variedades do português falado no Brasil.
- C) à legitimidade das línguas faladas pelos povos indígenas.
- D) à ampliação do número de palavras que compõem nosso léxico.
- E) aos procedimentos que as pesquisas linguísticas devem empreender.

TEXTO: 10 - Comum à questão: 18

Leia o texto postado por Heloísa Biagi no seu blog em junho de 2009, após a decisão do STF.

Estudar pra quê? - A polêmica decisão do STF sobre o curso de jornalismo.

Na última quarta-feira, dia 17, o Supremo Tribunal Federal derrubou, por 8 votos a 1, a obrigatoriedade do diploma universitário para exercer a profissão de jornalista. Como argumento para tal decisão, entrou em cena a boa e velha falácia de que "jornalismo é dom, estudo não transforma ninguém em gênio". Não sou jornalista. Sou designer. Poderia passar o dia inteiro falando sobre o quanto a não regulamentação e a falta de um diploma para exercer determinada atividade são profissionalmente prejudiciais à minha área de atuação. Mas o problema que eu vejo nesse tipo de decisão é ainda mais grave. É o que costumo chamar de Síndrome de Mozart e Macunaíma.

Infelizmente, no que diz respeito a trabalho e ocupação, vejo que os brasileiros ainda têm a mentalidade do dom divino nato. Um indivíduo não precisa passar anos numa escola para aprender. Se ele tiver dom, tiver a "coisa no sangue", se tiver "ginga e jeitinho", não precisa de estudo. Jogador de futebol estuda? Não, ele tem a bola no sangue. Washington Olivetto é formado em Publicidade? Não, ele aprendeu tudo na raça pois sempre foi gênio. Jimi Hendrix frequentou aulas de guitarra? Nunca passou perto delas. Quem é gênio, nasce gênio. Mozart escreveu sua primeira ópera com 14 anos. Um sujeito que tem boas piadinhas e sacadas certamente será um publicitário genial. Pra quê se matar na faculdade se ele já tem o dom pra coisa? Bora trabalhar e fazer campanhas geniais. E um sujeito que é bom argumentador e não perde discussão de jeito nenhum? Já é um brilhante advogado! Pra quê passar por toda a burocratização da faculdade e da OAB? Isso é coisa de quem não tem Direito no sangue. Aliás, por que não tirar a obrigatoriedade de diploma universitário de todos os cursos? Profissão é muito mais dom do que esforço. A obrigatoriedade faz com que só aqueles que se esforçam muito - e por conseqüência têm pouco talento - possam estar em determinada profissão. Mas e os Mozarts? Aqueles gênios natos e jovens compositores de ópera que não precisam estudar?

Eliminar a obrigatoriedade dos diplomas daria a oportunidade aos verdadeiros talentosos e munidos de dom divino de exercer a atividade para o qual foram destinados. Então, nada mais justo do que seguir o exemplo dos jornalistas e dar oportunidade a quem realmente tem habilidade profissional no sangue em detrimento de quem passa anos numa cadeira de faculdade, certo? ERRADO.

A Síndrome de Mozart, do talento nato, da ginga ou sei lá que outro nome, tão cultivada aqui no nosso país, na realidade não passa da Síndrome do Macunaíma. Sim, Macunaíma, aquele mesmo do "Ai, que preguiça". Por aqui, talento e aptidão são desculpas para não estudar e não elevar o próprio nível. Por aqui acredita-se que teoria é inútil e a prática, sozinha, é capaz de revelar o verdadeiro gênio presente dentro de cada um. Infelizmente no Brasil, ainda impera a mentalidade de que "esse negócio de estudar 12 horas por dia, de se esforçar, de sair de casa pra estudar na Universidade, é coisa de americanos, japoneses e alemães - povos pouco talentosos. Mas brasileiro tem dom, não precisa disso". Na verdade, o

talento sem estudo não passa de aptidão não desenvolvida. O estudo tem como principais funções agilizar o processo de execução de uma tarefa e estimular o raciocínio crítico em cima de determinada ocupação(...)Tomando como exemplo um designer: aquele que nunca estudou, depois de trocentas tentativas, descobrirá que ciano, magenta e amarelo são cores que ficam bem juntas.

Já aquele que passou por uma escola de design não só já sabe que essas 3 cores combinam porque são equidistantes no círculo de cores, mas também é capaz de criar várias outras composições utilizando o mesmo raciocínio. Se o diamante sem lapidação é carbono, assim é o profissional que se recusa a estudar.

<http://www.fechaaspas.net/index.php/2009/06/20/estudar-para-que-a-polemica-decisao-do-stf-sobre-o-curso-dejornalismo/>

Questão 18)

Leia novamente o fragmento abaixo:

Sim, Macunaíma, aquele mesmo do “Ai, que preguiça”.

Nesse trecho, o uso da citação entre aspas tem a função de:

- I. mostrar ao leitor quem é o personagem a quem se refere a autora.
- II. mostrar, pelo teor da frase, a característica fundamental do personagem.
- III. justificar o uso do personagem na criação da expressão “Síndrome de Macunaíma”.

A respeito das opções acima, pode-se afirmar que:

- A) todas estão corretas.
- B) somente I está correta.
- C) somente I e II estão corretas
- D) somente I e III estão corretas
- E) somente I e II estão corretas.

TEXTO: 11 - Comum à questão: 19

Alimentação Ética

Parceiro de Peter Singer na autoria do recém-lançado no Brasil A Ética na Alimentação, o norte-americano Jim Mason fala sobre bem-estar, consumo e ética alimentar

O norte-americano Jim Mason começou a levantar críticas sobre a exploração animal em fazendas de produção no final da década de 60. Membro de uma família de fazendeiros, o advogado passou a buscar alternativas éticas de tratamento desses animais e não parou mais. Vegano há 32 anos, Mason conheceu em 1974 o autor de Libertação Animal, Peter Singer, e a parceria resultou no livro Animal Factories, publicado em 1980. Este ano, a dupla lançou mais um trabalho em A Ética da Alimentação: como nossos hábitos alimentares influenciam o meio ambiente e o nosso bem-estar (Editora Campus, 352 páginas). Resultado de cinco anos de pesquisa, o livro se propõe tanto a apresentar informações éticas, como consumo mais consciente.

Nesta entrevista, Mason fala sobre a relação do vegetarianismo com a construção de um mundo mais equilibrado, os problemas ambientais agravados por práticas de fazendas de produção e o importante papel do consumidor em prol de modelos mais éticos de alimentação.

Na sua opinião, todos deveriam ser vegetarianos para um mundo mais justo em termos de ética com animais e equilíbrio ambiental?

Sim, sem sombra de dúvidas o vegetarianismo é uma opção ética muito importante para construirmos um mundo mais justo e equilibrado. O consumo de carne feito por milhões de pessoas é sinônimo, para os animais, de uma vida inteira de violência em fazendas e mortes cruéis e covardes em abates.

O cultivo dos alimentos que compõem a dieta vegetariana afeta um número minúsculo de animais e de forma indireta, como, por exemplo, insetos ou pássaros que possam vir a ser impactados dentro do processo natural em produções orgânicas de soja.

Além disso, se caracteriza pelo uso de menos terras e fontes energéticas, o que é muito importante de ser considerado. [...]

Qual é o papel dos Governos, dos movimentos ativistas e dos consumidores no processo de mudanças nos métodos de produção injustos e antiéticos com os animais?

Ao Governo cabe a proibição de métodos de confinamento de vitelas e de granjas industriais de porcos e galinhas, a inibição da produção e uso exacerbado de produtos químicos, como hormônios que aceleram o crescimento, e outros recursos usados em fazendas de produção que são prejudiciais aos animais, ao meio ambiente e, conseqüentemente, à nossa própria saúde. É necessário também ter um controle de todo o processo, da criação no campo ao rótulo da embalagem, com o objetivo de disponibilizar para o consumidor mais informações sobre fontes e métodos utilizados na cadeia de produção de cada alimento que leva para casa. Os ativistas devem ser os cães de guarda, constantemente investigando, pesquisando e monitorando o Governo e as indústrias para verificar se estão respeitando as regras. Já os consumidores devem exigir mais informações sobre todos os alimentos que compram nos mercados. Ligar ou escrever para os setores de atendimento ao cliente dos fabricantes pedindo esclarecimentos e maiores detalhes sobre os produtos é uma boa prática e pode contribuir muito. A atuação do consumidor é muito importante para a criação de um cenário onde as grandes fabricantes de alimentos sejam transparentes e não tenham nada a esconder.

Em termos filosóficos e práticos, qual é a diferença entre comunidades tradicionais e a sociedade moderna no modo como os animais são tratados e no tipo de comida consumida?

Nas comunidades tradicionais e tribais, os animais criados com o fim de alimentação eram respeitados - e até cultuados, em alguns casos. Estas sociedades se viam intimamente ligadas aos animais, os reverenciando como seres especiais, detentores de poderes que os homens não tinham. A sociedade moderna deturpou essa visão. Não há mais o respeito pelos animais e se banalizou o conceito de que eles só têm valor quando são úteis e servem aos homens. O resultado é uma alienação total em relação aos animais e ao mundo natural, que tem como consequência um mundo mais triste e até mais doente.

Existe algum país que esteja mais avançado no controle e na aplicação de métodos mais éticos nas fazendas de produção?

Há um progresso significativo na União Europeia, onde os métodos de confinamento em granjas, a indução artificial de crescimento com aplicação de medicamentos e outros excessos cometidos em fazendas de produção já são proibidos por lei ou estão em vias de serem regulamentados e banidos. Nos Estados Unidos, uma lei proibindo especificamente o método de confinamento de porcos em granjas industriais já foi aprovada na Flórida e no Arizona, mas não temos leis nacionais de controle de fazendas de produção, como nos países europeus. A União Europeia hoje pode ser considerada a precursora na eliminação de práticas e artifícios já provados como antiéticos aplicados em fazendas de produção.

(RAMOS, J.B. Alimentação ética. *Revista dos Vegetarianos*. São Paulo, ano 1, n. 9, p. 18-19, [2009?].)

Questão 19)

Assinale a alternativa em que o trecho transcrito NÃO apresenta opinião do entrevistado:

- A) “Nos Estados Unidos, uma lei proibindo especificamente o método [...]”. (resposta à 4ª pergunta)
- B) “[...] é uma boa prática e pode contribuir muito.” (resposta à 2ª pergunta)
- C) “Os ativistas devem ser os cães de guarda [...]”. (resposta à 2ª pergunta)
- D) “O resultado é uma alienação total em relação aos animais e ao mundo natural [...] um mundo mais triste e até mais doente.” (resposta à 3ª pergunta)